

Disseram por aí: boatos sobre zika no Facebook da Fiocruz¹

Marcelo Garcia²

Janine Cardoso³

Resumo

A epidemia de zika e microcefalia ocorrida no verão de 2015/2016 foi marcada por uma ampla circulação de boatos. Este trabalho teve como objetivo contribuir para a compreensão de como essas narrativas alternativas participaram da produção de sentidos sobre a epidemia, identificando discursos concorrentes, vozes mobilizadas, argumentos apresentados e lugares de fala reivindicados pelos interlocutores. A análise dos comentários de uma postagem da página do Facebook da Fiocruz permitiu observar os aspectos científicos e políticos envolvidos na produção de um ambiente propício à circulação de boatos, marcado pela incerteza, pela presença de testemunhos de vítimas e de um discurso de prevenção diante do medo. Além disso, os resultados evidenciaram a ausência de interação da Fiocruz com seus interlocutores, com implicações para o debate sobre as práticas de comunicação no âmbito da saúde.

Palavras-chave: boatos; zika; Facebook; ciência; comunicação e saúde.

Introdução

Ninguém poderia imaginar, no início de 2015, quando a circulação do vírus zika foi confirmada oficialmente no Brasil, que ele seria responsável por uma das maiores crises de saúde pública da história do país. Transmitido pelo polivalente *Aedes aegypti*, o vírus da zika era considerado mais brando do que seus “primos” (responsáveis, por exemplo, pela dengue e pela febre Chikungunya, doenças em circulação no Brasil e transmitidas pelo mesmo mosquito). Porém, a associação do zika com problemas graves como a síndrome de Guillain-Barré (doença autoimune neurológica que pode ocorrer associada a infecções) e, em especial, com a microcefalia (condição de malformação

¹ Trabalho apresentado no GP Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/Icict/Fiocruz).

³ Orientadora do trabalho. Docente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/Icict/Fiocruz).

nerológica congênita até o momento relacionada, entre outros fatores, à infecção das gestantes pelo vírus) o transformou, quase do dia para a noite, numa enorme ameaça.

A despeito dos esforços da comunidade científica, os meses seguintes às primeiras suspeitas da relação da zika com casos de microcefalia foram marcados por muitas dúvidas, incertezas e pânico – e pela grande circulação de boatos. A despeito das declarações oficiais, a população fez circular nesses meses uma série de narrativas alternativas, que produziram outros sentidos sobre a epidemia, o vírus, o mosquito – em geral caracterizadas pelos atores oficiais como “boatos”, no sentido de informações erradas e/ou mentirosas.

Como aponta Silveira (2003), acreditamos que crises agudas como a da zika, com fronteiras bem estabelecidas no espaço e no tempo, que rompem com o cotidiano, iluminam aspectos políticos, econômicos e culturais da vida social. Enquanto trabalhos como o de Aguiar e Soares (2016) se dedicam ao estudo da cobertura midiática sobre a epidemia, essa pesquisa voltou sua atenção para outro foco: o processo de produção social de sentidos nas redes sociais, em especial relacionado à circulação de boatos sobre a epidemia⁴. Entendidos como narrativas que vão de encontro à fala oficial (das autoridades de saúde), esses discursos tensionam os saberes científicos e muitas vezes e são caracterizados por essas próprias fontes como boato, mas que adquirem legitimidade social, na medida em que circulam e ganha visibilidade.

O Boato virtual

Vivemos imersos num dilúvio informacional (LÉVY, 1999), no qual as relações sociais e o processo de produção e a circulação de sentidos são marcados por um processo de midiaticização (SODRÉ, 2006; FAUSTO NETO, 2010), um paradigma sociotécnico (CASTELLS, 2003) contemporâneo que traz consigo uma série de potencialidades e problemáticas relacionadas à comunicação em rede. As novas tecnologias de informação e comunicação revolucionaram a relação entre os sujeitos e destes com o mundo ao seu redor, alterando fortemente todos os campos do conhecimento – inclusive a saúde.

Nesse campo, a internet se torna cada vez mais uma fonte fundamental de informação, com a crescente profusão de sites, blogs, fóruns e grupos de discussão – o que leva cada cidadão a se colocar cada vez mais no papel de seu próprio especialista

⁴ Este artigo integra estudo maior sobre a produção e circulação de sentidos sobre a epidemia de zika a partir da observação dos boatos que se disseminaram durante o episódio.

(VASCONCELLOS-SILVA, CASTIEL, 2010). Se por um lado isso caracteriza a rede como ambiente em que os cidadãos se informam, debatem e produzem sentidos sobre sua saúde – e afirmamos isso sem desconsiderar a relativamente alta exclusão digital que ainda caracteriza o acesso à internet no Brasil –, por outro, os boatos encontraram nos meios digitais ambientes muito amigáveis para sua circulação.

A enorme oferta de informação na rede, a facilidade de preservar, recuperar e replicar essa informação e o estado permanente de hiperconexão (RECUERO, 2009) ao qual estamos submetidos, tornam a chamada *web 2.0* um campo muito propício à circulação de boatos. Reule (2008) caracteriza rumor virtual como um tipo de informação não confirmada que se propaga na rede e que circula com a intenção de ser tomada como verdadeira, amparado por um suporte tecnológico capaz de potencializar suas ações. Uma vez que a mídia do boato é, por excelência, informal (IASBECK, 2000), sua disseminação se beneficia do grau de informalidade característico da internet, onde predominam formas de comunicação que tendem a ser mais oralizadas e conversacionais (RECUERO, 2012). O campo da saúde é um dos mais profícuos para a disseminação de boatos, em especial quando consideramos episódios epidêmicos como o da zika, caracterizadas pela incerteza e pelo enorme interesse para a população, componentes fundamentais para a proliferação de boatos⁵.

Os boatos se caracterizam como uma forma muito antiga de comunicação humana (KAPFERER, 1990). Para autores como Allport e Postman (1973), grande parte de nossas relações cotidianas é composta por rumores, que têm como fatores essenciais à sua circulação a importância do assunto para os envolvidos em sua transmissão e a existência de ambiguidades em relação aos fatos (ALLPORT, POSTMAN, 1973). Os boatos buscam responder indagações consideradas significativas pelos membros de um grupo sobre uma situação ambígua e podem ser considerados como fruto de uma atividade de produção de sentido coletiva, uma produção social (REULE, 2008). Eles remetem a medos atemporais do homem ‘civilizado’ – o medo do outro, da miséria, da morte, do desconhecido – e emergem quando um elemento inesperado ameaça romper a linearidade e a previsibilidade da ilusão cotidiana, se espalhando em meio à desconfiança de que pode

⁵ Embora algumas questões estejam mais relacionadas a discussões políticas e partidárias internacionais que não nos interessam diretamente neste trabalho, a circulação de boatos e notícias falsas ou sem confirmação também está muito relacionada a movimentos que, por exemplo, defendem a não-vacinação e não acreditam no impacto da ação humana sobre a mudança climática do planeta, os chamados céticos do clima.

existir muito mais por trás de uma versão “autorizada” (Iasbeck, 2000). Tais narrativas alternativas tensionam o discurso científico (oficial) articulando vozes de diversos campos (da religião, da cultura, da própria ciência), além de dialogarem com discursos em circulação sobre, por exemplo, saúde, meio ambiente e vacinação.

Embora não tratemos essas narrativas alternativas necessariamente como mentiras, sua popularidade na rede de certa forma reflete uma tendência contemporânea mundial apontada por diversos estudos recentes (MITRA *et al*, 2015; GUESS, 2015; STARBIRD *et al*, 2014), que mostram a facilidade com que mensagens falsas se propagam nos ambientes digitais. O debate é ainda mais atual se lembrarmos que o dicionário Oxford escolheu como palavra do ano de 2016 o verbete “pós-verdade”, definido como “circunstâncias em que os fatos objetivos têm menos influência sobre a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” (DICIONÁRIO OXFORD, 2016). Segundo a publicação, 'pós-verdade' se consagrou em 2016 como adjetivo de políticas marcadas por uso de mentiras graças às campanhas do Brexit⁶ e da eleição presidencial nos EUA, ambas marcadas pela disseminação de notícias falsas nas mídias sociais por candidatos ou figuras-chave das campanhas. Não só isso: segundo Casper Grathwohl, da Oxford Dictionaries, "pós-verdade" poderia se tornar "uma das palavras que definem nosso tempo" (BBC BRASIL, nov/2016).

Ciência, risco e saúde

Se entendermos a ciência como um campo social razoavelmente autônomo, com suas próprias forças, como faz Bourdieu (2003), entenderemos que esta não é monolítica e imutável, mas uma construção social embasada em certezas transitórias, produzidas a partir da conformidade de forças dentro de um campo. Momentos de crise como o de uma epidemia como a de zika, em que o grau de incerteza se mostra elevado, talvez possam alterar as relações da ciência com os demais campos sociais, enfraquecendo ou reforçando a autoridade científica, processo central para a discussão do processo de circulação de narrativas alternativas.

De outro ponto de vista, também podemos afirmar que o alto grau de reflexividade experimentado em nossa sociedade (GIDDENS, 1991), fruto do próprio acúmulo do conhecimento científico e das mudanças ocorridas na modernidade, coloca uma série de

⁶ Nome pelo qual ficou conhecida o referendo realizado em 2016 no Reino Unido, que definiu a intenção da comunidade de nações de se separar formalmente da União Europeia. A campanha que precedeu a votação também foi marcada por muita desinformação.

novas questões, típicas do nosso tempo, sobre o papel da ciência, relacionando-a muito fortemente com novos conceitos de risco. Giddens (1991) classifica a modernidade como um fenômeno de dois gumes: para ele, o desenvolvimento das instituições modernas e sua difusão mundial criaram oportunidades para gozarmos de existências mais seguras e confortáveis, mas também, de forma cada vez mais aparente, as consequências da modernidade, os riscos produzidos por ela, se tornam mais radicalizadas e universalizadas. Uma das marcas da sociedade de risco, reflexo do caráter incontrolável da produção do conhecimento, é o aumento do grau de reflexividade nas práticas sociais, “constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS 1991, p 45).

Dessa forma, somos inundados ininterruptamente por um fluxo cada vez maior de informações que permanecem mergulhadas num caldo de controvérsia. As mudanças rápidas de nosso tempo, das quais ninguém parece ter controle, transformam a incerteza numa característica de nossa época. A própria modernidade é, assim, um projeto sendo sempre reexaminado (GIDDENS, 1991). Nesse contexto, a ciência se torna cada vez mais necessária e presente, mas ao mesmo tempo cada vez menos suficiente para a definição socialmente vinculante de verdade (BECK, 2010). Castiel (1999) afirma que o conhecimento deixou de possuir a vinculação que possuía com os ideais deterministas e conhecer já não implica atingir certezas incondicionalmente estáveis e plenamente garantidas em seu estatuto. Afinal, os riscos combinam questões relacionadas à política, à ética, aos meios de comunicação, às definições culturais e a vários outros aspectos da vida social, tornando impossível separá-los. Tudo isso leva Giddens a concluir que, embora a ciência esteja cada vez mais presente e disseminada, na sociedade de risco ela repousa sobre areia movediça e suas reivindicações à certeza, antes poderosas, estão em grande parte desacreditadas (GIDDENS, 1991).

Uma situação de pânico, incerteza e desconhecimento como a experimentada no episódio estudado nesse trabalho permite observar o processo de construção da própria ciência, antes que ela se feche numa caixa preta, no sentido empregado por Latour (2000) para o termo. Dessa forma, seu estudo ajuda a desvendar e jogar luz sobre algumas das marcas da construção social do conhecimento, que ultrapassam uma simples evolução técnica, mas geralmente estão apagadas quando tomamos como objeto um saber científico consolidado.

O discurso científico, apesar de gozar de um lugar de fala privilegiado, é apenas uma das vozes que emerge da sociedade na produção de sentidos sobre um evento, em especial num episódio que mobilizou tanto a opinião pública como a epidemia de zika. Ele precisa dialogar e competir, como num mercado simbólico (ARAÚJO, 2004), com outras vozes de outros campos e com vozes dissonantes ou periféricas da própria ciência ou pseudocientíficas e com toda memória discursiva que remete a sentidos já circulantes sobre saúde, doença, mosquito, epidemia, entre outros termos. Nesse contexto, a circulação de boatos se coloca como um ponto cada vez mais relevante para a saúde da população e para o planejamento de políticas públicas – em especial considerando saúde como um conceito ampliado, integral e transdisciplinar (*idem*), caracterizada como direito universal associado a diversos aspectos da vida, biológicos, clínicos ou relacionados a fatores como renda, emprego, qualidade de vida, moradia e fatores psicológicos entre outros. As práticas comunicacionais do Sistema Único de Saúde podem ser consideradas, hoje, ainda muito centralizada e verticalizadas, sendo apontadas por autores como Araújo e Cardoso (2006) como gargalo importante para o aprofundamento da implementação do sistema, além de pouco eficientes para lidar com uma situação de disseminação de boatos em redes sociais sobre uma epidemia. A observação e análise do processo de circulação dessas narrativas alternativas podem subsidiar, portanto, discussões fundamentais sobre as práticas comunicativas dentro do Sistema Único de Saúde e os fatores tecnológicos, políticos, ideológicos e científicos a elas relacionados.

Metodologia

A circulação de narrativas alternativas foi investigada por meio da observação de conversações mapeadas em comentários de *posts* publicados pela Fiocruz no Facebook entre 01 de outubro de 2015 e 29 de fevereiro de 2016, período que marca a fase mais aguda da epidemia. A escolha da página Fiocruz se deveu, para além da filiação institucional do autor e do programa de pós-graduação, também ao protagonismo desempenhado pela instituição nos primeiros meses da epidemia. Primeiramente utilizamos a ferramenta Netvizz para coletar todas as postagens da Fiocruz no período e identificamos aquelas relacionadas à epidemia. Em seguida, identificamos dentre eles o de maior engajamento relacionado à circulação de boatos sobre o episódio. Coletamos e analisamos, então, os 100 comentários de maior engajamento (determinados a partir do

número de curtidas e *replies*⁷) sempre atentos às marcas textuais existentes nos enunciados que revelassem sua relação com a memória discursiva (PÊCHEUX, 2010) e com espaço interdiscursivo (MAINGUENEAU, 2000), de forma a tentar mapear a polifonia (BAKHTIN, 1988) presente nessas trocas comunicacionais.

Resultados: a zika e a Fiocruz

No período analisado, foram realizadas 276 postagens, 94 (34% do total) falando sobre temas relacionados à zika e microcefalia. Dos 100 *posts* de maior engajamento 63 (63%) abordavam o tema e, dentre os 10 *posts* de maior engajamento, apenas 2 tratavam de outros temas que não a zika – 80% deles eram sobre a epidemia. Dos 50 *posts* de maior engajamento sobre zika, 10 (20%) abordavam diretamente a circulação de boatos ou de assuntos correlatos, com uma concentração dessas postagens nas posições de maior relevância: 8 *posts* relacionados a boatos estiveram entre as 20 postagens mais relevantes sobre zika. A partir desses resultados, podemos dizer que a circulação de boatos foi um dos temas mais importantes sobre zika tratados na página da Fiocruz e mobilizou intensamente seus seguidores.

O *post* escolhido para uma análise mais detalhada dos comentários foi o destacado na Figura 6. *Post* de maior engajamento do período, teve mais de dois mil comentários, 11 mil reações e 19 mil compartilhamentos. A postagem tem uma abordagem direta em relação aos boatos em circulação sobre a epidemia, inclusive remetendo à sua circulação pelo Whatsapp⁸. O sentido da postagem é muito claro em seu objetivo de negar que exista qualquer indício de que crianças de menos de sete anos e idosos sejam mais suscetíveis a complicações neurológicas associadas à zika. A mensagem reforça seu caráter “oficial” ao utilizar diversas expressões como “estreita parceria com o Ministério da Saúde”, “transparência” e “seriedade”, e ainda reforça a necessidade de buscar sempre por “fontes seguras e confiáveis” contra “boatos e informações desencontradas” – como ela mesma. Como já foi dito, o *post* possui um engajamento quase duas vezes maior que o segundo do ranking e oito vezes superior à média dos oito *posts* seguintes.

⁷ Não incluímos, dentre o universo dos 100 comentários mais relevantes nenhum *reply*, por mais que alguns estes também apresentassem muitas curtidas uma vez que, nesse momento, nos interessavam apenas os comentários diretos da postagem, que estabeleciam relação de significação direta com ela.

⁸ O aplicativo se configurou como o ambiente principal de circulação dos boatos sobre a epidemia. No entanto, a pesquisa nessa rede, de caráter fechado, representa um grande desafio metodológico. Em outro trabalho que integra o mesmo projeto, apresentaremos propostas alternativas para estudar, ao menos parcialmente, as narrativas que ali circularam nesses meses.



Figura 1: Reprodução de postagem estudada, publicada na página da Fiocruz no Facebook

Dos seus 100 comentários com maior engajamento, 41 corresponderam basicamente a marcações de outros usuários. Considerando as características dessa postagem, destinada a esclarecer um boato, marcar amigos nos seus comentários pode significar, de forma geral, que a pessoa teve contato com os áudios, muitas vezes já discutiu com esses amigos o tema e concorda e deseja repartir com eles aquela explicação – de certa forma endossando a fala oficial. No entanto, preferimos classificar como comentários de legitimação desse discurso autorizado apenas aqueles que explicitamente reivindicam esse posicionamento: doze comentários no total, que ressaltam a ausência de qualquer evidência cientificamente comprovada que possa apontar para a veracidade do boato. Nada menos do que 9 deles também traziam marcações de outros usuários e faz alusão a discussões prévias entre os usuários ali envolvidos, que nos permitem perceber as dúvidas existentes sobre a epidemia. A caracterização de um ambiente de incerteza é fundamental para entendermos o sucesso da disseminação de tantas narrativas alternativas sobre a epidemia. Também chama a atenção que nenhum desses comentários está entre os mais populares. Todos eles tendo uma quantidade bastante limitada de curtidas, sendo que o mais curtido dentre eles recebeu apenas 83 curtidas e o segundo, apenas 8 (contra 323 do mais curtido no geral).

Os comentários que apresentam descrença em relação às explicações disponíveis e incertezas em relação a toda a situação da epidemia, no entanto, são mais numerosos (27). A maioria deles também destacava a falta de certezas científicas, mas das próprias explicações oficiais e não dos boatos, evidenciado em trechos como “ninguém sabe nada sobre a Zika então não podem negar e nem afirmar nada”, “A verdade é que não se sabe nada ao certo é tudo até agora tem sido especulação” e “não tem comprovação científica, mas não é possível descartar a possibilidade”. Para esses interlocutores, portanto, a incerteza predominante tornava impossível refutar a pluralidade de versões em circulação, alimentando a sua circulação e reduzindo a legitimidade das falas autorizadas, já que “os próprios médicos estão desesperados com o volume de casos da doença”. Vale destacar que diversos interlocutores assumem um lugar de fala que chamamos “crítico/pragmático” em relação à epidemia: interlocutores que se mostram inconformados com tantos debates, muitas vezes sobre questões científicas que consideram menos relevantes, sem que se chegue a nenhum a conclusão objetivo e a recomendações e ações práticas que protejam a população – eles anseiam por “certezas”, “provas”, “realidade”, mas só há “especulação”.

Um fato curioso, que mantém certa relação com a questão anterior, é presença muito forte nos comentários de um discurso de prevenção individual da zika por meio da eliminação dos criadouros e do uso de repelentes e mosquiteiros. Podemos enxergar uma dimensão de responsabilização do cidadão por sua própria saúde e pela saúde da comunidade que nos remete a Giddens (2002) e a Castiel (1999). Pela possibilidade de ser infectado, o sujeito deve adotar determinados comportamentos, hábitos “saudáveis” ou “responsáveis”, sob a pena de arcar com as consequências físicas, para sua saúde, e morais, por colocar seus familiares e vizinhos em risco.

O que chama mais a atenção, porém, é que, mesmo num contexto de forte contestação da fala oficial, prevalece justamente um discurso de responsabilização do cidadão que repete o posicionamento adotado há décadas pelas autoridades de saúde – e repetido também nesse episódio com a campanha #zikazero, que teve como lema “um mosquito não é mais forte do que um país inteiro”. Este tipo de comentário aparece associado a um lugar de fala que chamamos de “mobilizador”⁹: interlocutores que atuam

⁹ Em alguns casos, a atuação como mobilizador se deu em paralelo com a adoção de outros lugares de fala, como o de vítima da doença, ou mesmo acompanhado, de forma um tanto paradoxal, da crítica do governo.

como propulsores do discurso da prevenção, repetindo as recomendações das campanhas oficiais. Prevalece, nessas falas, o tom vívido da urgência, da crise aguda, e a necessidade de prevenir, de combater o *Aedes*, de eliminar criadouros e de utilizar repelentes e mosquiteiros para evitar a doença – como neste trecho “O importante neste momento é a prevenção dos criadouros! E isso todos sabem bem fazer!!!”.

Além da questão da indeterminação científica, o outro aspecto que serve de base para a promoção de um ambiente de incerteza em todo o episódio é a crítica política. São muitos os comentários que fazem uma ligação direta entre a explosão da microcefalia e o governo: seja por sua irresponsabilidade, que estaria associada à causa da doença, por sua incompetência em controlar a situação ou por sua tentativa de esconder a verdade da população, posicionamentos que aparecem em comentários como “o que está acontecendo é que estão escondendo para que a população não crie alarmes desfavoráveis a ação governamental” e “como sempre o governo sempre esconde porque eles não tem o falar para população”.

Esses comentários políticos se dividem na crítica estrutural à autoridade e às instituições de forma geral e na crítica situacional, a um governo em específico – em especial ao da presidente Dilma Rousseff, uma vez que o episódio é contemporâneo do acirramento da crise política que levaria, nos meses seguintes, ao seu *impeachment*. Como não poderia deixar de ser, o processo de produção social de sentidos sobre a epidemia foi muito influenciado por esse ambiente interdiscursivo. Uma outra vertente de crítica ao governo presente nos comentários dialoga com outros discursos em circulação, mais especificamente com discursos de desvalorização da saúde pública, ineficiência do SUS e precariedade de atendimento – embora não percam seu cunho político e, de forma mais ou menos direta, de crítica ao governo.

Toda essa sensação de insegurança parece contribuir para outro traço observado no estudo: a multiplicação, nos comentários, de menções a outros boatos em circulação sobre a epidemia, que nada têm a ver com o boato específico abordado no *post* da Fiocruz – mais especificamente, à possível relação da epidemia de microcefalia com experiências malsucedidas com *Aedes aegypti* modificados no Nordeste e com a aplicação de vacinas vencidas em mulheres grávidas. É muito interessante notar nesses enunciados marcas características de boatos, como a imprecisão da referência ou da fonte da história e o tom de revelação de segredos, quando afirmam que “ninguém fala” dos mosquitos modificados, uma espécie de proibição ou segredo que a imprensa não desvende e acusa

um grupo indefinido, “eles”, que soltaram os mosquitos na natureza. Em outro comentário, o interlocutor diz que ouviu “comentários” sobre a doença estar relacionada a vacinas vencidas, enquanto outro afirma que “alguns falam” sobre uma possível relação com deficiência de iodo e magnésio, e que “já ouviu até” que fizeram “experiência mal controlada no NE”.

A responsabilização tanto da vacina quanto do mosquito modificado nesses boatos remete à reflexividade típica da sociedade de risco como definida por Giddens (1991), num cenário global de incertezas não quantificáveis, que trazem o componente da imprevisibilidade ao conhecimento e à intervenção humana sobre o mundo. Nota-se a associação do risco com a mutação genética, a experimentação mal controlada em laboratório, uma temática já muito explorada, por exemplo, pela ficção científica e presente no imaginário popular.

Outro traço bastante característico dos comentários da página da Fiocruz é a enorme presença de relatos de casos da doença, seja de autoria das próprias pessoas afetadas ou de seus parentes e amigos. Como relatam Sacramento e Lerner (2015), os testemunhos de experiências frente à doença não são calcados na referencialidade externa, mas do “eu”, muitas vezes em tom confessional, de desabafo. Neles, são narradas vivências, com maiores ou menores graus de detalhamento, que revelam tanto alívio (“graças a Deus não aconteceu nada de ruim com ela”, por exemplo) quanto apreensão e evidenciam o caráter de incerteza e medo presente no ambiente e já apontado nesta análise. A maioria contraria outro aspecto do discurso oficial: a suposta pouca gravidade dos casos de zika. No total, são relatados 10 casos graves da doença. Os comentários também registram problemas de atendimento e notificação, reforçam a visão negativa do SUS e conferem viés mais pessoal e emocional para as críticas.

Por fim, é preciso destacar as muitas interpelações recebidas pela própria Fiocruz nos comentários. Em algumas interações que citam a instituição, o tom é elogioso, caracterizando-a como “séria e competente”, que merece “todo respeito e confiança” – apesar de que alguns desses comentários têm posicionamento crítico ao governo de maneira geral. Porém, as críticas também são numerosas. Um comentário, por exemplo, afirma que a Fiocruz deveria estar empenhada em “combater este mosquito” e não preocupada com “notícias sendo espalhadas por aí, afinal existem muitas coisas que são omitidas para a sociedade”, uma clara demonstração do pensamento recorrente de que comunicação e saúde são campos distintos. Outro é ainda mais duro, como esse

testemunho de um pai com um filho doente, que afirma: “VCs da Fiocruz não estão fazendo nada pra população”, pois “quando liguei pra vcs, vcs falaram que só estão realizando exames em mulheres grávidas, vai a merda, hospital de merda”.

Também fica clara, na tentativa de interação com a Fiocruz, a dificuldade de compreensão do posicionamento apresentado pela Fiocruz no *post* e de sua diferenciação das informações contidas no boato – diversos interlocutores apontam não ver diferença entre o que os áudios afirmam e o suposto “desmentido” publicado no *post*. Para eles, a Fiocruz “fala muito e não diz nada”, “Só diz o óbvio, que até leigos já sabem” e é “contraditória”, já que “Primeiro diz que não existe caso registrado afetando idosos e crianças até 7 anos e depois diz que poderia causar em um pequeno percentual complicações em adultos e crianças, sem distinção de idade.”

Porém, o que chama mais a atenção é a total ausência da própria instituição na discussão desenvolvida nos comentários. Por mais que possam ter existido dificuldades logísticas das mais variadas naturezas para lidar com um volume tão grande de comentários e ainda atender, por exemplo, as demandas da imprensa, esse comportamento parece indicar uma escolha e um entendimento sobre comunicação. Esse nos parece, por isso, um bom exemplo das muitas dificuldades apresentadas pelo campo da comunicação na área da saúde apontadas por Araújo e Cardoso (2006), em que a instituição pública se mantém num lugar tradicional no processo comunicativo com a população, muito embora novas possibilidades mais dialógicas de escuta e troca estejam disponíveis. Dessa forma, nos comentários muitas vezes ganharam peso os testemunhos dos profissionais de saúde e outros interlocutores que assumem lugares de fala de maior capital simbólico e autoridade naquela discussão. A presença mais ativa da Fiocruz, é claro, não desqualificaria essas opiniões, mas traria o peso de uma voz autorizada para contrapô-las ou reforçá-las.

Considerações finais

O estudo de aspectos variados da epidemia de zika, para além do ponto de vista virológico ou epidemiológico, pode contribuir para uma compreensão mais ampla sobre o episódio e seus desdobramentos. Nossos resultados mostram a existência de um ambiente dominado pelas sensações de incerteza, no qual a desconfiança apareceu enraizada em fatores tanto científicos quanto políticos. Os boatos se fortaleceram no

enorme desconhecimento da própria ciência sobre a zika e no alarme de especialistas sobre sua gravidade.

Elencamos, ainda, outros pontos que nos chamaram a atenção no estudo. Em primeiro lugar, destaca-se a forte presença de um argumento contra as falas oficiais, muito repetido nos comentários: o questionamento do porquê os casos de microcefalia associados à zika terem se concentrado apenas no Nordeste do país, e do porquê dessa associação ter acontecido somente naquele momento em particular e nunca antes, mesmo com o vírus da zika já tendo sido responsável por outros surtos em outras localidades e já sendo encontrado há décadas, em especial na África (caracterizando pelas mesmas narrativas como tendo uma situação de saúde muito mais frágil do que a brasileira). Os dois pontos parecem representar lacunas importantes (vale observar que não encontramos nenhum comentário que tentasse explicar esses fatos) que contribuíram para a produção do ambiente de incerteza que serviu de substrato para a propagação dos boatos de outros sentidos sobre a doença, ampliando a faixa do dizer que está entre o atestado e o possível (ORLANDI, 2005), aumentando as margens para equívocos e incertezas. Sem a necessidade de referência sólidas, os comentários nos trazem o que “se ouviu por aí”, fazendo despontar sentidos compartilhados entre os interlocutores na tentativa de formar coletivamente entendimentos sobre uma situação em que as certezas são escassas.

Outra questão que aparece em alguns comentários é a diferença entre tempos e lógicas da pesquisa científica e do jornalismo: alguns interlocutores levantam suspeitas sobre os testes com mosquitos modificados contra a dengue por terem assistido a matérias sobre tais pesquisas meses antes, sem que qualquer outra reportagem mostrasse seus efeitos e resultados. Fica evidente a diferença de temporalidades: para a ciência, talvez tenha se passado muito pouco tempo antes de uma possível divulgação de resultados. Porém, para a população, não ver na mídia nenhuma outra menção às iniciativas, a despeito dos imperativos da pauta jornalística, levantou suspeitas, em especial no ambiente de crise. Isso denota, em nossa opinião, uma necessidade de repensar a própria forma de divulgação e de acompanhamento de pesquisas aplicadas como essas, que talvez precisem ter uma perspectiva maior de interação com o público.

Um questionamento que podemos ainda nos fazer, considerando a facilidade de viralização que parece caracterizar o boato, diz respeito à possibilidade de interromper esse ciclo de disseminação. Para alguns autores, a própria rede desenvolveu antídotos para os rumores (RENARD, 2011). Além da disponibilização de informações confiáveis

em diversos sites de referência, podemos citar a própria presença de instituições oficiais e de perfis de pesquisadores, jornalistas e outros atores sociais nas redes sociais que muitas vezes atuam para esclarecer boatos. Por outro lado, como afirma Reule (2008), uma vez que também não há um controle na internet quanto ao tempo de exposição ou circulação de um conteúdo, mesmo com tantas “evidências” para desmentir ou confirmar o conteúdo da mensagem, há sempre muitos indivíduos que continuam a debater e levar adiante o assunto, sendo pouco provável desfazer a totalidade de seus efeitos (REULE, 2008). Além disso, é preciso considerar a existência pressuposta de audiências invisíveis na rede, numerosos indivíduos que podem não se manifestar ativamente no meio digital, mas absorvem conteúdo que ali circula (BOYD, 2007). Desta forma, os resultados parecem ainda nos indicar que, para os esforços de controle de danos causados pela disseminação de boatos, entender os argumentos que estão no seu substrato, que os alimentam, pode ser mais importante do que entrar em maiores detalhamentos científicos sobre a cepa específica do vírus ou sobre a capacidade de o *Aedes* transmitir mais de um vírus ao mesmo tempo, por exemplo.

Referências bibliográficas

- ALLPORT, G.; POSTMAN, L. **Psicología del Rumor**. Buenos Aires: Psique, 1973.
- ARAÚJO, I. S. Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.14, p.165-77, set.2003b-fev.2004
- ARAÚJO, I. S; CARDOSO, J. M. **Comunicação e saúde: os princípios do SUS** como ponto de vista. Ed. Fiocruz; 2006.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BBC BRASIL. Como Trump e o Brexit ajudaram a cunhar a 'palavra do ano' escolhida pelo dicionário Oxford. Publicado em 16 nov 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998165>. Acessado em: 10 jun 2017.
- BOYD, D. **Social Network Sites: Public, Private, or What?**. Knowledge Tree, 13, 2007.
- BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34; 2010.368 p.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2003.
- CASTELLS M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTIEL, L. D. **A medida do possível... saúde, risco e tecnobiociências** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- DICIONÁRIO OXFORD. **Pós-verdade**. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acessado em: 15/12/2016
- FAUSTO NETO. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, A; VALDETTARO, S (Orgs). **Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogo Brasil-Argentina**. Rosário. UNR, 2010

- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp (1991)
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002
- GUESS, A.M. Fact-checking on Twitter: An examination of campaign 2014. **American Press Institute and The Democracy Fund**. 2015.
- IASBECK, L.C. Os Boatos - Além e Aquém da Notícia. **Lumina**, Juiz de Fora, v.3, n.2, p.11-26, jul./dez. 2000.
- KAPFERER, J.N. **Boatos**: O meio de comunicação mais velho do mundo. Publicações Europa-América, Men Martins, 1990
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999
- MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, Vol. 2 No . 2. 2000
- MITRA, T. *et al.* A Large-scale Social Media Corpus With Associated Credibility Annotations. *In: Ninth International AAAI Conference on Web and Social Media*. 2015
- ORLANDI, E.P. Boatos e Silêncios: Os Trajetos dos Sentidos, os Percursos do Dizer. *In: _____*. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas - São Paulo: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. O papel da memória. *In: ACHARD, P. et al. O papel da memória*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- RENARD, J.B. Rumores e internet. **Contemporanea**: Revista de Comunicação e Cultura, Vol. 9, No 3. Universidade Federal da Bahia, 2011.
- REULE, D. **A dinâmica dos rumores na rede: a web como espaço de propagação de boatos virtuais**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- SACRAMENTO, I.; LERNER, K. Pandemia e biografia no jornalismo: uma análise dos relatos pessoais da experiência com a Influenza H1N1 em O Dia. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 22, n. 4, outubro, novembro e dezembro de 2015
- SILVEIRA, A.J.T. Epidemia: evento ou narrativa. *In: Anais do XXII Simpósio Nacional de História*. Publicação em Anais. João Pessoa, 2003.
- SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e mediatização. *In MORAES D. Sociedade midiatizada*. Rio de Janeiro; Mauad, 2006, p. 19-32.
- VASCONCELLOS-SILVA, P.R.; CASTIEL L.D. A internet na história dos movimentos anti-vacinação. **ComCiência** no.121 Campinas, 2010